



SESSÃO PARALELA 7 | LINHA 4

Page | 167

**INVESTIGAÇÃO, TRADIÇÃO E INOVAÇÃO EM ARQUITECTURA
O PLANO DE SALVAGUARDA DO NÚCLEO ANTIGO DE SACAVÉM,
DA METODOLOGIA À REALIDADE**

Patrícia Bento d'Almeida^a, João Cunha Borges^b, Teresa Marat-Mendes^c

^a Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa, Portugal. E-mail: patricia.bento.almeida@iscte-iul.pt

^b Iscte – Instituto Universitário de Lisboa / FCSH – Universidade Nova de Lisboa, Estudos Urbanos, DINÂMIA'CET, Lisboa, Portugal. E-mail: joao.cunha_borges@iscte-iul.pt

^c Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Arquitectura, DINÂMIA'CET, Lisboa, Portugal. E-mail: teresa.marat-mendes@iscte-iul.pt

RESUMO

1.

A partir de 1961, a Divisão de Construção e Habitação criada no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) afirmou-se como um dos principais centros de investigação para informar e sustentar o trabalho dos arquitectos. Considerando o contexto do país e das suas cidades à época, será pouco surpreendente que a maior parte da investigação do LNEC tenha sido utilizada como base para a criação de novos complexos habitacionais, modernizados e adaptados às necessidades de uma crescente sociedade de massas.

Do Gabinete Técnico da Habitação (GTH) da Câmara Municipal de Lisboa, ao Fundo Fomento à Habitação (FFH), à experiência do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), foram várias e relevantes as influências do LNEC, não só pelos temas e âmbitos da investigação, mas também porque vários dos seus investigadores foram profissionais de arquitectura e/ou planeamento nestes contextos. Menos debatido – e também mais recente – foi o papel da investigação conduzida no LNEC em processos de intervenção na cidade existente. É na década de 1980, de resto, que Nuno Portas (n.1934), antigo investigador do LNEC, chama a atenção para a necessidade de redireccionar o trabalho de arquitectura para a intervenção em malhas urbanas consolidadas, trazendo uma dimensão de melhoramento a uma abordagem que tinha sido, até aí, mais concentrada na criação de novas unidades urbanas de raiz (Portas, 1985).

2.

Sacavém, uma vila pertencente ao município de Loures, muito próxima da fronteira nordeste da cidade de Lisboa, tem uma longa história como zona agrícola e de reguengos, e transforma-se, no final do século XIX, num centro de desenvolvimento industrial, situação precipitada pela sua localização perto dos rios Tejo e Trancão, da Estrada Nacional 1 (depois EN10) e da linha férrea que ligava o oriente de Lisboa ao Carregado. A sua industrialização provoca não só um aumento na mancha urbana da própria vila, mas também o crescimento de povoaamentos próximos, como sejam Moscavide, Prior Velho, Camarate e Catujal, processo que se arrasta a diferentes velocidades até à década de 1970.

A estrutura da vila é constituída por tecidos urbanos distintos, desde pequenas casas rurais e antigas casas de quinta a villas operárias, prédios especulativos e, particularmente nas



extremidades, por complexos habitacionais de maior dimensão. As cheias que periodicamente ocorrem no leito do Rio Trancão tiveram impacto considerável em Sacavém, em particular as ocorridas no final de Novembro de 1967, que além de muitos mortos causaram um grande número de desalojados e vários estragos no edificado.

No início da década de 1950, o arquitecto José de Lima Franco (1904-1970) foi encarregue de proceder ao estudo para os Planos de Urbanização de Moscavide, Sacavém e Prior Velho, ao abrigo da legislação de planeamento promulgada pelo Ministro das Obras Públicas Duarte Pacheco (1900-1943) e do Antepiano Regional de Moscavide a Vila Franca de Xira (1947-1955) da autoria de Étienne de Gröer (1882-1974). No entanto, Lima Franco não conseguiu concluir o trabalho que lhe estava assignado, dedicando maior atenção à emissão de licenciamentos para construção especulativa em Sacavém e Moscavide, e ao estudo para uma nova praça na primeira localidade, que não chega a ser implementado.

Assim, o crescimento da vila, entretanto cidade, embora formal, foi determinado pelo somatório de ações de construtores privados, descoordenados quanto à forma urbana, ao espaço público, ao edificado e aos serviços. Por outro lado, também não houve um trabalho consequente de intervenção na estrutura pré-existente da vila. Se alguns lotes ou até quarteirões de pequenas casas rurais ou industriais se viram de repente convertidas em blocos de apartamentos, outros foram mantendo as suas pequenas edificações, as suas pré-modernas formas de ocupação de espaço, umas vezes mantendo-se habitados e tratados com o cuidado possível, outras vezes apresentando-se em franco declínio ou até devolutos. Assim, durante os séculos XIX e XX, apesar de Sacavém ser uma localidade especialmente pressionada pelo crescimento industrial, o seu desenvolvimento urbano foi ocasional e orientado para o lucro, com pouco mais que uma sujeição mínima a regras de ordenamento do território. Não admira, portanto, que não só a vila de Sacavém nos surja hoje como algo arbitrária, como que o seu centro histórico, pouco atrativo para a especulação, tenha acabado por ficar abandonado ou negligenciado.

3.

É já no final da década de 1980, com a galopante desindustrialização da periferia imediata de Lisboa, que são feitos os primeiros esforços no sentido de garantir um melhor ordenamento da vila de Sacavém e, concretamente, do seu centro histórico. O Plano de Salvaguarda do Núcleo Antigo de Sacavém (PSNAS) foi coordenado entre 1989 e 1993 pela Arquitecta Maria João Gonçalves (n?) da Divisão de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Loures.

Neste processo, é especialmente interventiva a arquitecta Maria da Luz Valente Pereira (n.1934), informada por longos anos de investigação no LNEC. A sua participação assinala, também, a capacidade da pesquisa feita por arquitectos no Laboratório de aplicar-se já não a novas construções ou urbanizações, mas sim à ‘cidade existente’, numa perspetiva que enfatizará não apenas o valor intrínseco das construções pré-modernas que constituem o núcleo original desta vila suburbana, mas também a sua capacidade de gerar espaço público e de fruição cívica.

Parte importante da investigação que sustentou o PSNAS foi publicada pela arquitecta, numa edição de autor (2012), numa recolha intitulada “Planeamento da Reabilitação de Áreas Urbanas”. O próprio título chama a atenção para o carácter metodológico do trabalho, estabelecendo ainda comparações com pesquisas anteriormente conduzidas no LNEC sobre malhas urbanas em Benfica e no centro de Lisboa. A metodologia utilizada, e que esta arquitecta-investigadora chama de “análise da imagem duma área urbana” procura estabelecer um retrato crítico global, assimilando-a pelo seu conjunto e dinâmica, entendendo-a como “presente e viva” (Pereira, 2012, p.7). Implica isto um conjunto de ideias de cidade expressas numa determinada área, mas também os problemas mais prementes que nela se manifestam e as potencialidades de intervenção para a reabilitar e transformar no âmbito sócio-urbanístico.

A metodologia de análise para o PSNAS encontra-se dividida (ou apresentada) em oito partes desiguais, cada uma correspondendo a um aspecto, físico, económico, social ou imagético, do núcleo primitivo da vila de Sacavém. A saber:



a) Leitura de aproximação à área (incluindo relações morfológicas e de imagem, estudo de entradas na vila e relações de uso de solo);

b) Constituição e estrutura morfotipológica (incluindo tipos de malha urbana, redes distribuidoras de espaços lineares e não-lineares, espaços públicos, características físicas e históricas do edificado, tipos de agrupamento de edifícios e tipos de agrupamentos de fogos);

c) Constituição e estrutura activa (incluindo habitação, actividades económicas, equipamentos, trânsito, transportes públicos, estacionamento, pontos de cargas e descargas, espaços de estar urbano, lazer e convívio);

d) Constituição e estrutura social (incluindo a expressão da sociabilidade no espaço);

e) Constituição e estrutura significativa (simbólica);

f) Mobiliário urbano e lettrings;

g) Carácter urbano;

h) Dinâmica urbana.

Focando-se numa parte específica da malha urbana da vila, esta proposta alia, necessariamente, a análise interpretativa com aspectos prescritivos. No que concerne a primeira, verificam-se várias semelhanças com as metodologias centrais da tradição da morfologia urbana britânica e, com menor incidência, também italiana, particularmente no que concerne a identificação de tipos de malhas e de agregados de edifícios, e ainda a perspectiva histórico-geográfica, que procura correspondências entre uma construção e o seu período histórico, questões que já haviam sido colocadas por morfologistas como MRG Conzen (1907-2000), Jeremy Whitehand (1938-2021) e ainda Saverio Muratori (1910-1973).

Este alinhamento de interesses de investigação demonstra que o conhecimento tipicamente produzido no âmbito da morfologia urbana não se restringe ao campo teórico nem historiográfico e que, através dum conjunto de adaptações, pode fornecer uma base sólida a partir da qual pode ser pensado o planeamento urbano, particularmente aquele que procure ordenar uma malha urbana existente.

Com base no estudo da arquitecta-investigadora Maria da Luz Valente Pereira e na recolha de testemunhos seus, em material original depositado no Arquivo Municipal de Loures e na Biblioteca e Arquivos do LNEC, esta apresentação visa:

a) expor o PSNAS e a investigação que a ele conduziu, particularmente na medida em que foi determinada por investigação em arquitectura conduzida no LNEC; e

b) demonstrar a utilidade das metodologias características da morfologia urbana para produzir um programa urbano coerente de intervenção, orientado para a prática.

(Trabalho financiado pelas bolsas SFRH/BPD/117167/2016 e SFRH/BD/148556/2019 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT)

Palavras-chave: Plano de Salvaguarda de Sacavém; planeamento urbano; reabilitação de zonas históricas; LNEC.



REFERÊNCIAS

Pereira, M.L.V. (2012) Planeamento da Reabilitação de Áreas Urbanas II: Leitura da Imagem Urbana. (Edição da autora, Lisboa).

https://www.academia.edu/1788152/PLANEAMENTO_DA_REABILITACAO_DE_AREAS_URBANAS_VOLUME_II_LEITURA_DA_IMAGEM_URBANA

Page | 170

Portas, N. (1985) “Notas sobre a intervenção na cidade existente”, Sociedade e Território 2, Fevereiro, 8-13.